

4

Considerações Finais

Para além de análises técnicas e/ou sínteses teóricas estéreis. Esta dissertação se propõe a constituir uma práxis científico-acadêmica comprometida com a transformação geo-histórico-social de um corpo d'água-objeto num corpo-d'água- sujeito, ou seja, no reconhecimento de um corpo d'água constituído pelas ações humanas em recortes culturais.

A dimensão ética da preservação e promoção da saúde ambiental, de e no rio Pirai, permeou as dimensões históricas, geográficas e políticas das intervenções sociais em seus respectivos *cursos, percursos e transcurso*.

Assim, o discurso ecológico ganha sentido em sintonia com a realidade materna, nossa Mãe-Terra, como algo *sagrado* que segundo Boff (Conferência Internacional das Américas em Cuiabá 1998), “ocorreu como uma experiência originária e em todas as épocas da história, ligando o homem ao cosmo e que dá sentido à vida. Por isso é que ele mesmo, o ser humano, se constitui numa realidade sagrada. O primeiro passo, portanto é recuperar o sagrado da Terra”.

Trabalhou-se com as dimensões do sagrado e do profano, postas em complexidade e dialeticidade, na territorialização e (des)territorialização geográfica do rio Pirai, a partir das intervenções culturais sobre os recursos naturais. Aponta, portanto, novos afluentes societários os quais conscientes de suas ações/intervenções comprometem-se ou não, com o “saber cuidar” do planeta Terra.

Os relatos coletados apontam para o valor histórico social do rio Pirai, em especial na constituição das diversas identidades dos moradores residentes e/ou itinerantes do município.

Os documentos selecionados desvelaram recortes ainda não sinalizados, como por exemplo, o sentido econômico e social do rio Pirai para a implantação e manutenção dos avanços técnico-científicos da modernidade nos grandes centros urbanos: Rio/ São Paulo.

Os registros fotográficos feitos durante a pesquisa de campo revelaram inúmeros contratos socioambientais ao longo do rio Pirai (de sua nascente até foz), proporcionando assim um rico e diversificado material para esta pesquisa.

Tem-se a clareza de que uma pesquisa que faz uso de uma metodologia *biorregional* como no caso, a micro-bacia do rio Piraí, deveria ser mais abrangente e procurar contemplá-la em todo o seu contexto, envolvendo estudos e ações /intervenções nos três municípios os quais são banhados pela mesma bacia, ou seja: Rio Claro, Piraí e Barra do Piraí, bem como o rio Paraíba do Sul que é seu “tributário-involuntário” e, para tanto, pretende-se estudos complementares a partir dos conhecimentos obtidos nesta pesquisa inicial.

Acredita-se que não há uma receita pronta para a nova sociedade e sim a conquista desta, pois “o surgimento do novo não pode ser previsto, se não seria o novo. O surgimento de uma criação não pode ser conhecido por antecipação, se não haveria criação” (Morin, 2002 p.18).

Pretende-se também que no *(con)texto* da dissertação exista a constituição de um *texto* coerente e entrelaçado com a vida e o cotidiano da pesquisadora, tornando-se assim, mais um *(pre)texto* para continuar a luta...

E finalmente pensarmos na co-pertença entre os homens e a natureza utilizando um texto de Carlos Brandão:

Meu corpo é a natureza de que eu sou parte transformada no ser de uma pessoa: eu. Refletindo nas águas calmas e límpidas de um pequeno lago, a natureza desenvolve a ela a sua imagem. Ela se vê através de meu corpo e cabe a nós - ela e eu - sabermos distinguir o que faz inteiramente parte de alguma dimensão de seu domínio de existência no planeta Terra e no Universo, e o que já é, também, parte e partilha de uma dimensão da Vida. Pois quando os meus olhos me vêem refletido nas águas claras do lago, é ainda o mundo natural quem se revela a si mesmo através de um de seus seres. Mas nem tanto, porque, ser humano, não consigo, como os outros animais com quem comparto o mistério de "estar vivo" aqui e agora, ver sem perceber, e perceber sem pensar. E a idéia que de mim me faço ao me ver refletido já pertence a um outro Mundo que comparto com a pequenina ave que porventura vem ao mesmo lago, e do galho de uma árvore se olha e ao lago, como eu. Como eu? Entrevistos por um instante pelos nossos olhos, nossos corpos pertencem ao plano natural dos sinais. São o que são, como a água e o fogo, ou são o que de si mesmos dão a ver a quem os vê. Mas o que eu penso do que vejo salta do sinal ao signo e dele ao símbolo. E exige de mim o que dispensa na ave, requer palavras, códigos complexos de sentidos e de significados, uma linguagem articulada por meio da qual em mim e para os meus outros a sensação e o sentimento aspiram ganhar sentido. E até mais do que isto. Eu me vejo como um ser da natureza, mas me penso como um sujeito da cultura. Como alguém que pertence também ao mundo que a espécie humana criou para aprender a viver (Brandão, 20002, p.16).